

O "AR" DE GILDA

FELIPE ESTRELA CAMPAL¹; RENATA AZEVEDO REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – felipecampal@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Sou fotógrafo, é isso o que sou, é isso o que faço e é através de uma lente que vejo o mundo. Quando foi iniciado o atual processo, desde a admissão como mestrando, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, do Centro de Artes desta Universidade Federal, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Renata Azevedo Requião, eu tinha inúmeras dúvidas sobre o que pesquisar. Entretanto, sempre fotógrafo, me acompanhava uma certeza: a minha linguagem, entre as Artes Visuais, é a linguagem que alcanço através da fotografia. Neste processo imersivo e exigente necessário ao “encontro com a poética própria”, não precisei descobrir o que sou, o que faço e o porquê de as coisas que me interessam serem como são. Este resumo, portanto, está vinculado a um trabalho em andamento, sempre e há muito em andamento.

A grande dúvida (o que pesquisar, em qual produção colocar mais foco, que questões da vida em geral me importa destacar hoje) ainda existe, porém tenho percorrido territórios que, por ora, se fazem muito presentes em meu cotidiano, impulsionando meus sentidos frente ao mundo e ao cotidiano. Às vezes desde longe, no frio da distância, outras, no calor da euforia com o descontrolado da inundação de emoções. Disponho-me a ir ao encontro com a poesia do conviver (o “viver com” proposto por Roland Barthes), para assim poder contar histórias através da imagem e do som. Talvez numa linguagem que possa nomear sumariamente de audiovisual.

Com este trabalho proponho expor os primeiros passos de um percurso onde um fotógrafo se propõe novo, agora se buscando como artista, e rumo ao ponto onde encontrará sua estética, os motivos com os quais fotografa e o que, com sua arte, consegue expressar sobre o mundo. Pressupõe um autoconhecimento, e, particularmente, a descoberta do que se passa nas fronteiras entre o fotógrafo e o fotografado, e ainda como essas relações influenciam na percepção sensorial do “eu fotógrafo-então-artista”.

Com as circunstâncias da vida e as referências teóricas que permeiam o início das pesquisas, dei início ao processo de fotografar pela primeira vez sem interesses, prazos, regras e quaisquer interferências que não venham do encontro com o fotografado, seu entorno, suas narrativas, e meu desejo de fotografar. Percebi, então, Gilda.

Com seus quase sessenta anos e sete filhos já criados, Gilda vive na região das Doquinhas, em Pelotas (RS), região popularmente conhecida como Quadrado. Este espaço é o único local público na cidade com acesso ao Canal São Gonçalo, e nos dias atuais está em transformação por conta da revitalização do Porto, enorme área junto ao Quadrado.

Observei então no início da caminhada que estava em busca de algo a que Roland Barthes nomeia como o "ar". Não o ar, oxigênio, necessário à sobrevivência. Eu ainda não sabia, mas se tratava de uma busca a um só tempo mais profunda e mais estética, a busca pelo "específico do instante". O instante que se basta por apenas existir.

O "ar" diz BARTHES (2012) "o ar (chamo assim por falta de melhor, à expressão de verdade) é como que o suplemento intratável da identidade, o que é dado graciosamente, despojado de qualquer "importância": o ar exprime o sujeito, na medida em que ele não se dá importância". Percebi que Gilda estava diante de meus olhos, propondo-se a mim. Ela foi uma parada necessária na infindável viagem do pesquisar.

Através da observação do cotidiano e do próprio cotidiano de Gilda, e sua capacidade de contar sua própria história, em meio a este momento de propulsão artística, minha estética fotográfica foi ampliada em sentido e importância, aproximando meu trabalho da vida mundana das pessoas, na direção quem sabe de certa atividade social. Saí do produto, da encomenda e do mundo dos espetáculos musicais, mundo sempre muito presente em minha prática como fotógrafo.

Apenas visitando-a, como diria SONTAG (1977) "a câmera é uma espécie de passaporte que aniquila as fronteiras morais e as inibições sociais, desonerando o fotógrafo de toda a responsabilidade com relação às pessoas fotografadas. Toda questão de fotografar pessoas consiste em que não se está intervindo na vida delas, apenas visitando-as".

Gilda, mulher sofrida e pobre, vive com um sorriso invejável; dona de dados, fatos e histórias que estão diretamente ligados aos direitos das mulheres, os quais oferecem subsídios a meu autoconhecimento como homem contemporâneo. Pois trata-se aqui, influenciado por Gilda, de enfrentar uma nova perspectiva do homem frente a nova mulher.

2. METODOLOGIA

O primeiro passo em busca do encontro com minha poética, a distância, mas incluindo a densa produção de um fotógrafo por profissão, foi rever todo o acervo de imagens produzidas por mim, ao longo dos anos. Passo número um: olhar, olhar e olhar, as imagens que produzi. No leque de curiosidades emergentes desse primeiro momento, a partir do reencontro com as imagens criadas, a primeira pergunta geral que surgiu foi: como vejo o cotidiano, como vejo as coisas?

Entre outras coisas, me apercebi de algumas repetições e de algumas variações de estratégia. E lembrei das fotos que fazia de meu avô, em negativos 35mm preto e branco. Meu avô sempre fora fotogênico, queimava rolos de 24 poses que, se bem expostos, mostravam um senhor sereno, simpático, que nos seus últimos anos de vida, tinha praticamente a mesma expressão. Tendo lido, como parte do projeto, *A Câmara Clara*, BARTHES (2012), voltou a mim um fragmento onde o autor diz que "a platitudes da foto se torna dolorosa, pois ela só pode responder a meu desejo louco, com algo

indizível: evidente (é a lei da fotografia) e, todavia, improvável (não posso prová-lo). Esse algo é o ar." A um desconhecido, meu avô oferece um "ar"; a mim, seu neto, o indizível do pensar de um senhor com Alzheimer. Tal experiência foi fundamental para este novo momento no qual estou imerso.

Busquei, num segundo momento, como exercício de apreensão, descrever algumas de minhas imagens. Para assim contá-las, com a narrativa possível, com a narrativa de minha memória. Buscava então me deixar afetar pelas imagens que eu mesmo criara, e me fazer voltar ao instante da foto. A mim no instante do fotografar.

Foi então que, convidado a participar da filmagem do longa-metragem *Canecalon*, dirigido por Lucas Sá e Guilherme Lucas, convivi durante uma semana com moradores da região do Quadrado, quando encontrei Gilda e sua filha, Anita. Conhecendo parte da história de Gilda, por outro viés, trabalhando ali numa função bastante secundária em termos de criação, percebi o início de uma nova "percepção do fotografável", percepção fundada na aproximação, na amizade, no entorno e na narratividade. Disso tudo depende meu fazer poético.

Entre jogos de sinuca, conversas ao ar livre ou em sua casa e um resumo de anos de idas e vindas, fui sendo tomado por sua história, por sua capacidade narrativa. Entusiasmou-me o presente e a presença de Gilda, sua alegria de viver, suas coisas e a beleza de suas coisas. O "ar" de seu entorno.

Nas primeiras visitas levava apenas a câmera fotográfica, uma lente 50mm e um gravador de áudio, numa pequena mochila, como se eu fosse um nômade naquele lugar. Equipamento compacto e discreto, que aos poucos foi se alterando, com o aumento da confiança de Gilda. Tudo isso é relevante para a metodologia. BARTHES (2012) afirmou observando fotos de sua mãe, que "cada uma delas manifestava o sentimento exato que ela deveria ter experimentado a cada vez que tivesse se deixado fotografar. Ela se saía bem diante da objetiva, pois com discrição sempre sabia substituir um valor moral por um valor superior, um valor civil. Não se debatia com sua imagem, ela não se supunha". Está no entendimento desta citação o que Gilda esta dispondo a mim.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Imerso nas pesquisas, tanto de meu acervo quanto de minhas referências (e buscando outras), para compreender o "pensamento da arte" expresso por essa linguagem que me é tão cara, e assim descobrir qualidades que virão a ser categorias conceituais (para lidar com minha poética e pensar a vida contemporânea), venho observando a obra do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, mais recentemente a do fotógrafo chinês Fan Ho, e descobrindo as cores de Saul Leiter. Todos fotógrafos de pessoas no seu espaço. Influenciado pelas leituras do livro *O instante certo*, de Dorrit Harazin, que se junta ao exercício implementado como segunda etapa desta pesquisa. Enquanto visito a Gilda, estamos acompanhados pela obra multiterritorial de Salgado, em imagens-fotos repletas de informações, desde as zonas mais claras às mais escuras, bem como pela Hong Kong de Fan Ho, com sua precisão geometrizada pela luz perfeita, oferecendo pretos bem definidos sobre brancos, dando protagonismo ao humano como elemento da obra.

Até o presente momento captei mais de 500 fotografias de Gilda e de seu território. Além disso, aproximadamente quatro horas de áudios de entrevistas, nas quais ela conta sua história. Registrei também os sons, brutos e puros, de seu ambiente. Com isso, montei um trabalho audio-visual que, por enquanto, nomeio curta-metragem, com características documentário-poético. *Gilda*, é o que, como parte de minha poética fotográfica, apresento aqui. Enquanto vemos as fotografias (imagens sem movimento, porém em sequência fílmica), ouvimos uma narrativa, editada, fragmentos de uma vida, na voz e no som-ambiente de Gilda.

4. CONCLUSÕES

Pretendia realizar uma pesquisa em torno da paisagem, e das questões de fronteira territorial, marcadamente as fronteiras nacionais. O encontro com o retrato me forçou a uma reflexão sobre meu fazer como fotógrafo profissional. Pude perceber que o retrato também se encontra no centro do poder de emanção de minha prática poética. Encontrei todos os retratos dos músicos que me encantam e a cujos shows pude assistir, e dos quais pude me aproximar.

Mas com *Gilda*, foi o olhar para o homem comum e oprimido, cuja situação afetivo-social sempre me tocou profundamente, que pude dar uma guinada em minha prática. Por ora, nisso se baseia minha percepção do espaço do outro, dependendo de momentos onde a cumplicidade e a amizade potencializam sentidos, a poética do real, para além do cotidiano. No momento, o social e a expressão humana, são fatores importantes na propulsão de uma “estética da verdade”, em busca do que Barthes nomeia “ar”. Pretendo compor minha poética com fotografias e sons, para além do documental. Busco registrar o “ar”, e assim tentar dar conta do que ele representa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. São Paulo: Editora: Nova Fronteira. 2012.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo. Editora: Companhia das Letras. 1977.
- HARAZIN, Dorrit. **O instante certo**. São Paulo. Editora: Companhia das Letras. 2016.
- SALGADO, Sebastião. **Gênesis**. Germany. Editora: Taschen. 2014.
- SALGADO, Sebastião. **África**. Germany. Editora: Taschen. 2010.
- MCCURRY, Steve. **Iconic Photograph**. London. Editora Phaidon. 2014.